

75 Como ganhar terreno

A França tem US\$ 3 bilhões investidos no Brasil e pretende melhorar sua posição, atraída pelas reformas econômicas e políticas em andamento no País.

por Isabel Versiani
de Brasília

Depois de mais de dez anos de distanciamento, as relações Brasil-França parecem estar agora vivendo um renascimento. O presidente francês, Jacques Chirac, já afirmou publicamente que o Brasil é uma prioridade para a política externa de seu País. Nos últimos meses, constantes viagens de autoridades francesas a Brasília confirmam a seriedade da intenção. O convite feito por Chirac ao presidente Fernando Henrique Cardoso para uma visita a Paris no final do mês também é uma prova da importância que está sendo dada ao Brasil.

O fato é que, enquanto nos últimos anos os investimentos da França foram mais canalizados para os países do leste europeu e mesmo da África, seus concorrentes, como Alemanha e Inglaterra, acabaram saindo na frente no intercâmbio econômico com a América Latina. Agora, com o Brasil vivendo um momento de estabilidade política e abertura econômica, a França quer lançar uma ofensiva e ganhar o terreno perdido.

“Queremos que 1996 seja realmente o ano da França no Brasil”, afirma o conselheiro comercial da embaixada da França, Dominique Simon. O momento, segundo ele, é considerado excelente. Depois de ter enfrentado cenários “complicados”, como a morte do presidente Tancredo Neves e as crises do governo Fernando Collor, a democracia brasileira teria dado mostras da sua solidez. As reformas promovidas agora, “nos moldes das que foram feitas no resto do mundo”, também estariam sendo fundamentais para criar um clima de segurança para os investidores.

No Itamaraty, essa nova fase nas relações é vista com muito entusiasmo. “A França é um parceiro estupendo para o diálogo político.

É um País que tem uma linha de política externa muito definida, com preocupações universalistas e humanistas”, afirma o diretor do Departamento da Europa, embaixador Francisco Junqueira. Na área econômica e comercial, ele lembra que o Brasil, obviamente, só tem a ganhar com o acréscimo de investimentos franceses.

A França tem hoje um estoque de US\$ 3 bilhões investidos no Brasil. É o sexto investidor estrangeiro no País, depois dos Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Japão e Suíça. Com o crescimento do interesse francês, entretanto, esta colocação pode ser alterada. Diferentes empresas francesas, como Michelin, Carrefour e Saint Gobain, já anunciaram um total R\$ 600 milhões em investimentos no País nos próximos três anos. Este volume não inclui o US\$ 1 bilhão que será investido pela Renault nos próximos seis anos.

Para o conselheiro Simon, a vinda da Renault deve atrair ainda mais investimentos. Ele lembra que os fornecedores tradicionais da montadora devem acompanhar a empresa e instalar também fábricas no Brasil. Além disso, o fato de a Renault ter escolhido o Brasil como sede de mais uma fábrica, tem, segundo o conselheiro, uma força simbólica muito grande, já que sinaliza para os outros empresários que o País já é visto como terreno seguro para grandes investimentos.

Para reforçar os contatos empresariais, o governo francês promoverá em outubro próximo, em São Paulo, a exposição “França 2.000”. O evento terá a participação de cerca de 350 firmas francesas da área de tecnologia e serviços. O objetivo será divulgar a ação de várias empresas que já atuam no Brasil e também apre-



sentar ao mercado dezenas de novas indústrias.

A Coface (Companhia de Seguro de Crédito à Exportação da França) foi, segundo uma fonte francesa, a primeira agência financiadora a voltar a conceder créditos para o Brasil depois da moratória de 86. Desde 93 o banco tem emprestado uma média de US\$ 800 milhões por ano para o setor privado e também para as grandes estatais, como Embratel, Petrobrás e Companhia Vale do Rio Doce. Três empresas elétricas brasileiras (Cesp, CEEE e Eletronorte) têm pagamentos atrasados com a França no valor de US\$ 200 milhões. Os empréstimos, entretanto, são garantidos pelo Tesouro Nacional e, por isso, não tem preocupado o governo francês.

Nos últimos meses, os contatos entre autoridades brasileiras e francesas têm sido frequentes. Desde a posse de Fernando Henrique, o Brasil recebeu a visita de três ministros franceses: Simone Veil, dos Assuntos Sociais, da Saúde e Urbanos; Yves Galland, do Comércio Exterior, e Bernard Pons, dos Transportes, Equipamento e Turismo. No mesmo período, estiveram na França os ministros brasileiros da Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas; das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia; da Fazenda, Pedro Malan, e das Comunicações, Sérgio Motta. ■